
Relato de Experiência**A UTILIZAÇÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA NA PESQUISA EM ENFERMAGEM****The utilization of participant observation and semi-structured interview in the research in nursing**

*Maria Alice Dias da Silva Lima¹
Maria Cecília Puntel de Almeida²
Cristiane Cauduro Lima³*

RESUMO

Apresenta-se um relato das experiências vivenciadas pelas pesquisadoras no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa. Descrevem-se os limites e as possibilidades encontradas na realização do trabalho de campo, adotando-se a observação participante e a entrevista semi-estruturada como técnicas para coleta de dados. Ressalta-se a importância do grau de envolvimento do pesquisador com os sujeitos e alguns aspectos que podem interferir nos resultados a serem alcançados.

UNITERMOS: *trabalho de campo, observação participante, entrevista semi-estruturada.*

1 INTRODUÇÃO

Este relato surgiu a partir do desenvolvimento de uma tese de doutorado (Lima, 1998), cujo objeto de investigação foi a organização tecnológica e social do trabalho em saúde no ambiente hospitalar, privilegiando o espaço do trabalho de enfermagem na produção de cuidados de saúde no modelo clínico de atenção. O referido estudo teve o objetivo de analisar a organização tecnológica e social do processo de trabalho em saúde em um hospital universitário, procurando apreender, na estrutura de produção de cuidados, a configuração das práticas, dos saberes e tecnologias

1 Enfermeira. Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Enfermagem pela USP.

2 Enfermeira. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno-infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

3 Enfermeira. Especialista em Administração dos Serviços de Saúde e Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina.

operados pelos agentes para manipularem o objeto de trabalho, privilegiando a compreensão do trabalho de enfermagem nesse espaço.

A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, utilizando-se a abordagem dialética, na qual procurou-se apreender as contradições e dinâmicas das práticas de saúde, buscando suas características em uma singularidade dessa prática, considerando-a como momentos de uma totalidade mais ampla, entendendo-se que essas singularidades contêm o conjunto das determinações da totalidade (Minayo, 1994).

No desenvolvimento da pesquisa qualitativa, o trabalho de campo assume grande importância. Para Minayo (1994), esse tipo de pesquisa não poderia ser pensado sem a realização do trabalho de campo. O campo corresponde ao recorte espacial que contém, em termos empíricos, a abrangência do recorte teórico que corresponde ao objeto da investigação. Durante o trabalho de campo, a interação do pesquisador com os sujeitos da investigação é essencial. Nessa fase se estabelecem relações de intersubjetividade, das quais resulta o confronto da realidade concreta com os pressupostos teóricos da pesquisa.

Segundo Cruz Neto (1994), as formas selecionadas para investigar o objeto de estudo, na pesquisa qualitativa, proporcionam ao pesquisador um contato direto com os fatos e geram, a partir da dinâmica de interação social, um novo conhecimento. Portanto, no trabalho de campo são utilizados métodos e técnicas que diferem das situações que ocorrem em outras metodologias, desenvolvidas de forma estruturada em laboratórios de pesquisa.

Seguindo esses preceitos, as autoras deste artigo fazem algumas considerações a respeito das dificuldades vivenciadas, no que se refere à realização do trabalho de campo, utilizando-se a observação participante e a entrevista semi-estruturada como técnicas para coleta de dados.

2 A OBSERVAÇÃO NA PESQUISA QUALITATIVA

A observação, como técnica de coleta de dados empíricos na pesquisa qualitativa, é discutida por vários autores, entre os quais Haguette (1995), Minayo (1994), Triviños (1987), Lüdke e André (1986). Como forma de captar a realidade empírica, é considerada por Goode e Hatt (1979) como a mais antiga e ao mesmo tempo a mais moderna das técnicas de pesquisa. Para que se torne válida e fidedigna, requer planejamento em relação ao que observar e como observar.

Uma das vantagens da utilização dessa técnica é a possibilidade de um contato pessoal do pesquisador com o objeto de investigação, permitindo acompanhar as experiências diárias dos sujeitos e apreender o significado que atribuem à realidade e às suas ações (Lüdke e André, 1986).

A observação participante tem origem na antropologia e na sociologia e é geralmente utilizada na pesquisa qualitativa para coleta de dados

em situações em que as pessoas se encontram desenvolvendo atividades em seus cenários naturais, permitindo examinar a realidade social (Holloway e Wheeler, 1996).

A definição de observação participante tem algumas diferenças quanto às concepções e linhas de abordagem, comentadas por alguns autores, como Haguette (1995) e Minayo (1994). Nesta pesquisa, foi adotada a definição de Becker (1994), entendendo que o pesquisador coleta dados, participando do grupo ou organização, observando as pessoas e seu comportamento em situações de sua vida cotidiana.

A observação participante pode assumir formas diversas, que variam em um continuum, no qual quatro situações são teoricamente possíveis, dependendo do envolvimento do pesquisador no campo, conforme classificação proposta por Gold (1958): o participante total; o participante como observador; o observador como participante; o observador total. Essa classificação é utilizada por autores como Holloway e Wheeler (1996), Becker (1994), Minayo (1994), Cicourel (1990), Denzin (1989).

O participante total é aquele que se propõe a participar em todas as atividades do grupo em estudo, atuando como se fosse um de seus membros; a identidade e os propósitos do pesquisador são desconhecidos pelos sujeitos observados. Na modalidade de participante como observador, o pesquisador estabelece com o grupo uma relação que se limita ao trabalho de campo; a participação ocorre da forma mais profunda possível, através da observação informal das rotinas cotidianas e da vivência de situações consideradas importantes. A situação de observador como participante ocorre através de relações breves e superficiais, nas quais a observação se desenvolve de maneira mais formal; é utilizada, muitas vezes, para complementar o uso de entrevistas. Na modalidade de observador total não há interação social entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, os quais não sabem que estão sendo observados; a observação é usada, geralmente, como complemento de outras técnicas de coleta de dados (Minayo, 1994; Denzin, 1989; Gold, 1958).

A observação participante é a técnica de captação de dados menos estruturada que é utilizada nas ciências sociais, pois não supõe qualquer instrumento específico que direcione a observação. Dessa forma, uma das limitações existentes pode ser o fato de que a responsabilidade e o sucesso pela utilização dessa técnica recaem quase que inteiramente sobre o observador. Outra limitação constitui-se na relação observador/observado e na capacidade de percepção do primeiro, que pode ser alterada em decorrência do seu envolvimento no meio (Haguette, 1995).

A observação foi selecionada como uma das técnicas de coleta de dados neste estudo, devido à possibilidade de se captar uma variedade de situações às quais não se teria acesso somente por meio de perguntas realizadas aos trabalhadores. Com base em Gonçalves (1994), a observação direta do processo de trabalho em operação viabiliza o esclarecimento de

sua lógica interna, pois permite acompanhar e registrar os movimentos, os discursos e as ações dos trabalhadores, suas relações recíprocas, as relações mantidas com o objeto de trabalho e como se processa a produção de serviços de saúde.

3 A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA NA PESQUISA QUALITATIVA

A entrevista é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática central (Haguette, 1995).

Para Minayo (1994), a entrevista privilegia a obtenção de informações através da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e transmite, através de um porta-voz, representações de determinados grupos.

Optou-se pela entrevista semi-estruturada, na qual o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, a partir do foco principal proposto pelo pesquisador; ao mesmo tempo que permite respostas livres e espontâneas do informante, valoriza a atuação do entrevistador. As questões elaboradas para a entrevista levaram em conta o embasamento teórico da investigação e as informações que o pesquisador recolheu sobre o fenômeno social (Triviños, 1987).

Consideramos também que essa técnica possibilita conhecer a perspectiva dos agentes quanto ao trabalho realizado no hospital. As entrevistas traduzem a representação dos agentes sobre o seu trabalho e, dessa forma, constituem-se sempre em uma aproximação do concreto vivido. Considerando que não é possível reduzir a realidade à concepção dos homens, a entrevista foi utilizada para complementar e fazer o contra-ponto com os dados obtidos através da observação.

4 A EXPLORAÇÃO DO CAMPO

A fase de exploração do campo, desenvolvida com base em Minayo (1994), constituiu-se de atividades direcionadas para a seleção do espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem e da estratégia de entrada em campo.

Selecionou-se um hospital universitário, por ser local de produção e reprodução de conhecimento e por se considerar que, nesse espaço, há uma caracterização mais completa e mais rica do objeto em estudo. Optou-se pelo microespaço de uma unidade de internação de clínica médica, na qual há um fluxo contínuo de trabalho e se concentram atividades do hospital para o cuidado e tratamento dos pacientes, requerendo práticas e saberes de várias categorias profissionais. Nesse cenário é possível cap-

tar o modelo de organização do trabalho em saúde, a partir da distribuição das atividades cotidianas entre os agentes, da lógica de ordenamento dos espaços físicos, e das relações que se vão estabelecendo no processo de produção de cuidados de saúde. Além disso, considerou-se que a forma concreta de aparecerem as contradições no trabalho e de se apreenderem os conflitos entre os agentes dá-se diretamente durante a sua realização.

Para a entrada no campo, comparecemos à unidade de clínica médica selecionada, expondo para a Diretora Técnica do Serviço de Enfermagem a intenção de realizarmos coleta de dados para a pesquisa. Obtendo sua concordância, foi encaminhado o projeto de pesquisa para a Comissão de Ética da referida instituição. Encaminhamos, também, cópia do projeto de pesquisa para a unidade, para que permanecesse à disposição das pessoas que tivessem interesse em conhecer maiores detalhes sobre o estudo.

Enquanto aguardávamos autorização da referida comissão, comparecemos algumas vezes à unidade, realizando observação do trabalho das enfermeiras, de modo a propiciar familiaridade com o ambiente, conhecimento da área física e estabelecimento dos primeiros contatos com os agentes do trabalho. Essa primeira aproximação do campo teve também a finalidade de tornar a equipe de enfermagem habituada à presença da pesquisadora e favorecer a interação.

Os critérios de amostragem foram estabelecidos com base em Minayo (1994), considerando que uma amostra ideal em pesquisa qualitativa não atende a critérios numéricos, mas é aquela que reflete as múltiplas dimensões da totalidade. Os critérios básicos para constituição da amostra foram os seguintes: eleição dos sujeitos com os atributos que o pesquisador pretendia conhecer; possibilidade de reincidência das informações, sem deixar de valorizar informações ímpares; garantia de abrangência da diversidade do conjunto de informantes, no intuito de apreender semelhanças e diferenças; inclusão progressiva conforme as descobertas do campo e o confronto com a teoria. Procurou-se abranger vários ângulos do processo de trabalho na unidade de internação, que levassem à caracterização do modelo clínico de organização tecnológica da forma mais completa.

Os agentes foram selecionados para observação conforme a categoria profissional, buscando abarcar os diversos trabalhos desenvolvidos na unidade de internação. Além da categoria profissional, foram selecionadas as atividades consideradas relevantes para captar as relações entre os sujeitos e a forma de organização do trabalho, bem como alguns espaços nos quais essas relações ocorrem de forma mais significativa. Para a realização das entrevistas, buscou-se incluir os agentes envolvidos na estrutura de produção de cuidados de saúde na unidade de internação, a partir dos dados obtidos pela observação.

O período para realização da observação e o número de entrevistas não foram estabelecidos previamente. Para delimitar a suficiência dos dados e encerrar a etapa empírica, foi utilizado o critério de saturação (Polit e Hungler, 1995), quando se considerou que as informações se tornaram recorrentes e deram mostras de exaustão. De fato, quando se procedeu às sucessivas leituras do material para sua classificação, a saturação foi reafirmada, pois os vários ângulos utilizados mostraram que havia recidência e confirmação dos dados coletados.

5 O TRABALHO DE CAMPO

A fase de coleta de dados teve início após aprovação do projeto de pesquisa pela Comissão de Ética da instituição. O trabalho de campo foi realizado no período de setembro de 1996 a fevereiro de 1997. Iniciou com a observação, que foi realizada pela pesquisadora e por uma auxiliar de pesquisa, também enfermeira, totalizando cento e oitenta e seis (186) horas e compreendendo cinquenta e nove (59) períodos de observação. Cada período de observação teve duração em torno de três horas.

A preocupação com os princípios éticos esteve presente durante todo o desenvolvimento do trabalho, procurando proteger os direitos dos indivíduos envolvidos, levando em consideração os aspectos apontados por Goldim (1997) e os aspectos éticos para pesquisas em enfermagem expressos por Polit e Hungler (1995).

Além da autorização institucional através da Comissão de Ética, foi necessário o acesso para acompanharmos as atividades dos diferentes agentes envolvidos no processo de trabalho na unidade de internação e para a realização das entrevistas. Com essa finalidade, apresentávamos sucintamente os propósitos da pesquisa e solicitávamos autorização para cada agente que seria observado ou entrevistado, entregando um Termo de Consentimento Pós-Informação, garantindo o anonimato, o caráter sigiloso das informações e o direito de não participação em qualquer momento. Ainda, para preservar o anonimato dos sujeitos, foram utilizados nomes fictícios para os profissionais e pacientes, nos excertos do diário de campo e das entrevistas apresentados na discussão e interpretação dos dados.

A observação das atividades dos trabalhadores incluiu momentos de sua atuação junto aos pacientes nas enfermarias. Nessas situações, esclarecemos os pacientes quanto à finalidade do estudo e obtivemos sua autorização verbal. Como o foco da observação era o trabalho dos agentes, dispensamos a utilização de consentimento escrito dos pacientes, por julgar que a presente investigação se inclui na categoria de pesquisa com risco mínimo, conforme classificação utilizada por Goldim (1997).

A princípio, pretendíamos realizar a observação sistemática do trabalho, sem termos envolvimento ou participação nas atividades. Porém,

logo no início do período de observação, foi preciso reconsiderar a decisão inicial, para possibilitar uma maior aceitação das pesquisadoras, pois, conforme Cicourel (1990), os pesquisadores que permanecem muito marginais às atividades diárias do grupo estudado não conseguem certos tipos de informações. Por esse motivo, no presente estudo, optou-se pela utilização da postura de participante como observador (Minayo, 1994; Denzin, 1989; Gold, 1958).

A aceitação do pesquisador pelo grupo e como ele vem a ser definido pelos observados é uma das dificuldades freqüentes no trabalho de campo, sendo que as relações que se estabelecem contribuem para definir os tipos de atividade às quais o observador terá acesso (Cicourel, 1990).

Tínhamos consciência da necessidade de haver empatia, confiança e respeito entre o pesquisador e os pesquisados. Assim, procuramos desenvolver uma relação de troca, percebendo que a aceitação do pesquisador no campo era facilitada quando estabelecíamos interação com os sujeitos. As dificuldades iniciais eram superadas quando auxiliávamos em alguns procedimentos, mostrando que tínhamos conhecimento técnico, experiência e capacidade para intervir e não estávamos lá apenas para observar.

Na fase inicial do trabalho de campo, ao explicarmos aos técnicos e auxiliares de enfermagem como seria realizada a observação e qual a finalidade do estudo, esses comentavam que a observadora seria como uma “espiã”, demonstrando certa desconfiança quanto a nossa presença no campo. Denzin (1989) salienta que, nos estágios iniciais do trabalho de campo, o investigador no papel de participante como observador pode encontrar hostilidade devido à incompreensão sobre sua presença ou como resistência a divulgar informações a um estranho. Além disso, Minayo (1994) comenta que, para o grupo observado, importam mais a personalidade e comportamento do observador do que a base lógica dos seus estudos, pois as pessoas querem ter certeza de que não serão prejudicadas e que seus segredos não serão traídos.

Essas situações estiveram presentes no trabalho de campo, pois muitas vezes os observados demonstravam certa insegurança e preocupação, com receio de estarem realizando alguma atividade que pudesse ser avaliada como incorreta pelo observador, ou mesmo referindo não saber muito bem o que se constituía como fato importante para ser observado. À medida que havia um contato freqüente e as observadoras foram tornando-se mais conhecidas, participando das atividades cotidianas, passou a haver confiança e esses sentimentos atenuaram-se. Entretanto, um dos atendentes de enfermagem continuou inibido e não aceitou que suas atividades fossem observadas, propondo-se somente a ser entrevistado. Foi respeitada sua decisão e outro atendente foi selecionado para esse fim.

Embora a postura de participante como observador caracterize o nosso envolvimento com os sujeitos observados, constatamos que não foi

possível assumir um único papel durante a realização do trabalho de campo. Minayo (1994) comenta que os papéis desempenhados pelo pesquisador nessa fase podem variar, sendo uma postura privilegiada em relação à outra, devido aos acontecimentos considerados mais ou menos importantes e à própria finalidade da investigação.

Nosso envolvimento no campo assumiu variações, conforme as situações encontradas, sendo necessário, muitas vezes, realizar atividades como enfermeira, em decorrência de necessidades dos pacientes ou de situações de urgência. Percebíamos a necessidade de nos afastarmos em situações que traziam constrangimento, tanto para o observador como para os observados, não sendo possível acompanhar todos os diálogos e atividades. Nesses momentos, optávamos por ajudar os agentes a prestarem algum cuidado aos pacientes. No entanto, à medida que se estabeleceu uma interação entre observador e observados, as situações de constrangimento foram desaparecendo e os agentes passaram a fazer comentários e contribuições espontâneas, expressando interesse pelo andamento da pesquisa.

Conforme comentado por Gonçalves (1994), o constrangimento provocado sobre o profissional, pela presença de um observador, poderia levar a um bloqueio do desenvolvimento das atividades, mas, em pesquisa por ele realizada, isso não ocorreu em proporções significativas. Outra consequência seria a possível falsificação dos procedimentos, que se torna um viés a favor da técnica e não contra ela, pois, se os agentes observados tendem a aperfeiçoar suas ações devido à presença de observadores, isso é feito na direção do que concebem como sendo o melhor, de forma a revelar suas concepções habituais sobre o objeto de trabalho, sobre suas finalidades e suas articulações.

O grau de envolvimento do pesquisador no campo é bastante discutido, principalmente quando a participação se torna mais intensa, o que, por um lado, tem a vantagem de expor a rotina e as atividades incomuns do grupo estudado, mas há o perigo de que o observador possa “virar nativo”, ou seja, adotar a maneira própria de o grupo perceber e interpretar o ambiente.

Dessa forma, houve preocupação com a questão da objetividade no trabalho de campo, levando-se em consideração a proposta de Cicourel (1990), realizando-se periodicamente revisões críticas sobre os procedimentos adotados e os diferentes papéis representados pelos sujeitos da pesquisa e pelas próprias pesquisadoras. Além disso, procurávamos ter em mente a necessidade de fazer perguntas e exercitar a capacidade de estranhar a realidade, buscando identificar o exótico em situações que poderiam ser familiares e transformando o familiar em exótico, como propõe Da Mata (1978). Só depois de termos realizado atividades como enfermeiras é que nos foi possível manter certa distância para podermos observar com maior objetividade.

Foi necessário utilizar vários ângulos para olharmos e captarmos o objeto de estudo em suas múltiplas dimensões, para apreendermos como se organiza o processo de trabalho na unidade de internação. Inicialmente, o foco de observação foi o trabalho das enfermeiras, a partir do qual foi possível captar a dinâmica de todo o trabalho desenvolvido na unidade e a articulação da enfermeira com outros agentes.

Nessa primeira etapa, a participação nas atividades realizadas pela enfermeira na unidade de internação, possibilitou compreender a organização geral do trabalho e mostrou a necessidade de acompanharmos alguns momentos particularizados para entendermos as articulações entre os agentes e a finalidade do processo de trabalho. O foco deslocou-se para cada uma das atividades enumeradas a seguir, às quais foram destinados alguns períodos específicos de observação: a passagem de plantão, o cuidado prestado nas enfermarias, as atividades realizadas na sala das enfermeiras, a visita médica, a visita dos familiares aos pacientes.

A medida que a observação abrangia a maioria das atividades que constituem o cotidiano de produção de cuidados em uma unidade de internação, foi possível identificar a necessidade de acompanharmos o trabalho em ato de cada um dos agentes que compõem esse cenário. Assim, foi observado individualmente o trabalho do médico residente, do técnico de enfermagem, do auxiliar de enfermagem, do atendente de enfermagem, da escriturária.

Para o registro das observações, utilizamos um diário de campo, seguindo a proposta de Bogdan e Biklen (1982), que propõem que o conteúdo das observações seja composto de uma parte descritiva e uma parte reflexiva. A parte descritiva consistiu no registro detalhado do que acontecia no campo, isto é, a descrição dos fatos e das atividades, a transcrição das falas dos sujeitos, a descrição do comportamento do observador, incluindo suas ações e conversas com os sujeitos participantes. A parte reflexiva constou dos comentários pessoais do pesquisador, incluindo pontos a serem esclarecidos, além de mudanças na perspectiva do observador, tais como a evolução de suas expectativas e opiniões durante o estudo, sentimentos, problemas, dúvidas e algumas reflexões metodológicas (procedimentos e estratégias utilizados, problemas encontrados para obtenção dos dados, decisões tomadas).

O registro das observações foi muito difícil de ser realizado no momento em que as coisas aconteciam. Quando fazíamos algumas anotações, mesmo pequenas, as enfermeiras e os auxiliares teciam comentários que denotavam sua preocupação e desconfiança com o que estava sendo registrado. Lüdke e André (1986) apontam dificuldades para fazer anotações no momento da observação, principalmente nos papéis que envolvem combinação de observador e participante, podendo isso comprometer a interação com o grupo.

Por esse motivo, optamos por anotações breves durante o período

em que permanecíamos na unidade, deixando para fazermos o relato detalhado das observações em momentos que não fossem muito distantes, preferentemente logo após sair do hospital, para não haver esquecimento.

Após um mês, essa dificuldade amenizou-se. Ao iniciar a observação dentro da enfermaria, foi possível fazer o registro na íntegra, no próprio local. Da mesma forma, quando a observação se direcionou para as atividades específicas dos agentes, efetuaram-se as anotações no transcorrer da realização do trabalho, de modo que o registro fosse o mais exato e completo possível. Embora os observados tenham passado a aceitar essa atitude das observadoras, havia sempre uma certa curiosidade quanto ao que estava sendo descrito.

As entrevistas foram todas realizadas com a utilização de gravador, sendo previamente agendado o dia e o turno. Não foi possível agendar horário, pois entrevistaram-se as pessoas durante a jornada de trabalho. Assim, foi necessário aguardar o momento em que estivessem menos sobrecarregadas e disponíveis para conversar.

No momento de agendar a entrevista, explicávamos a sua finalidade e que seu conteúdo seria acerca das atividades diárias realizadas pelo entrevistado. Foram entrevistados vinte e um agentes: três residentes, uma enfermeira diretora técnica do serviço, duas enfermeiras, dois técnicos de enfermagem, dois auxiliares de enfermagem, dois atendentes de enfermagem, duas escriturárias, um médico contratado, dois docentes de medicina, dois docentes de enfermagem, uma nutricionista e uma fisioterapeuta.

Foi necessário permanecer na unidade, para realizar cada entrevista, em torno de 3 horas e meia a 4 horas, devido ao tempo de espera associado ao tempo de duração das entrevistas, que variou de 20 a 70 minutos. Para algumas entrevistas, necessitou-se remarcar o dia, em virtude de longo período de espera pelo fato de que os sujeitos a serem entrevistados estavam muito atribulados.

Os roteiros utilizados para a realização das entrevistas foram elaborados a partir das experiências vivenciadas através da observação participante, que favoreceu a identificação de algumas dimensões do real, com maior relevância, para serem aprofundadas conforme a perspectiva dos agentes. As entrevistas contêm questões sobre as atividades realizadas pelos diversos agentes, sobre seu trabalho e a respeito do trabalho de outros agentes, as relações do seu trabalho com outros dentro da equipe de saúde, sua concepção no que diz respeito à finalidade do trabalho realizado no hospital, aos pacientes e aos instrumentos de trabalho. Esses roteiros serviram para dar início à entrevista, não sendo seguidos rigidamente, pois, conforme o entrevistado colocava suas idéias, as perguntas iam sendo introduzidas.

Alguns vieses da utilização da entrevista como técnica de coleta de

dados são comentadas por Haguette (1995). Esses podem estar presentes tanto na pessoa do pesquisador como em fatores externos a ele. Quanto aos últimos, cita o roteiro utilizado, o informante e a situação de interação entre o entrevistador e o entrevistado. Como as entrevistas foram realizadas quando o trabalho de campo estava em andamento, acredita-se que a convivência com os agentes tenha contribuído para uma melhor interação no momento da entrevista, entretanto algumas pessoas se mostravam preocupadas com o que seria perguntado e se suas respostas seriam corretas ou não. Explicávamos que não havia esse critério em relação ao que seria respondido e que o interesse estava voltado para as experiências e contribuições de cada um quanto ao tema da pesquisa. Por vezes, aqueles que já haviam sido entrevistados incentivavam outros a participar da entrevista, relatando suas impressões sobre a experiência e sobre o conteúdo das questões abordadas.

Algumas situações merecem ser comentadas. Uma atendente de enfermagem, com a qual já havíamos agendado previamente o encontro, referiu sentir-se inibida pelo uso do gravador, no momento em que a entrevista teria início. Devido à dificuldade em registrar os dados por escrito e pelo fato de termos uma estimativa do tempo médio de duração das entrevistas anteriores, optamos por contatar outro atendente. Uma enfermeira não concordou em ser entrevistada, alegando ser muito tímida numa situação de entrevista formal, mas foram consideradas suas contribuições, registradas no diário de campo, relativas às situações ocorridas ao observar seu trabalho.

Triviños (1987) comenta que, quando as pessoas não estão familiarizadas com o uso do gravador, isso pode inibir o informante no começo do trabalho, mas que, rapidamente, a pessoa se torna espontânea e ignora a utilização do aparelho. Observamos que, de fato, essa inibição ocorria nos minutos iniciais, após os quais o entrevistado se sentia à vontade e discoria com naturalidade sobre os temas propostos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato reforça o quão importante são as técnicas selecionadas para o desenvolvimento da metodologia em pesquisa qualitativa. Ainda, mostra de que forma um profundo aproveitamento do trabalho de campo pode vir a ser compensador na obtenção dos resultados finais.

É necessário que o pesquisador esteja ciente de que, quanto mais exercitar a técnica de pesquisa, maior será a interação com o objeto de estudo, permitindo um enriquecimento na obtenção de dados para a construção do conhecimento sobre a realidade. Foi possível constatar, a partir das experiências aqui descritas, que tanto a entrevista semi-estruturada quanto a observação participante, técnicas aqui citadas, permitiram captar a subjetividade e o significado que os profissionais atribuem ao seu tra-

balho. A observação, particularmente, possibilitou apreender a dimensão concreta das relações sociais que se estabelecem no cotidiano do trabalho em saúde.

Torna-se imprescindível que o pesquisador tenha consciência das limitações e possibilidades de cada técnica empregada, visto que alguns aspectos podem interferir nos resultados alcançados. É importante ressaltar que, em algumas situações, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso na utilização dessas técnicas é essencialmente do pesquisador. Salienta-se, portanto, a necessidade de manter a objetividade, buscando o distanciamento a partir da capacidade de analisar os procedimentos adotados e de questionar a realidade.

Contudo, além dessa objetividade, é necessário que o pesquisador possua outras características, consideradas importantes, visando a obtenção do sucesso nos resultados da pesquisa. É preciso que esse pesquisador seja flexível, honesto e bom ouvinte; mantenha uma relação amigável com os trabalhadores que participam do estudo; esteja receptivo às opiniões e à visão de mundo dos sujeitos envolvidos, demonstrando uma atitude ética e de respeito a esses.

ABSTRACT

An experience report of the researchers in the development of a qualitative research is presented. The limits and the possibilities found in the realization of the field work are described, while adopting participant observation and semi-structured interview as techniques for data collection. The importance of the involvement level of the researcher with the subjects and some aspects that may interfere in the results to be achieved are emphasized.

KEYWORDS: field work, participant observation, semi-structured interview.

RESUMEN

Se presenta un relato de las experiencias vividas por las pesquisadoras en el desarrollo de una pesquisa qualitativa. Son descritos los límites y las posibilidades encontradas en la realización del trabajo práctico, adoptándose la observación participante y la entrevista semiestructurada como técnicas para toma de datos. Se resalta la importancia del nivel de participación del pesquisador com los sujetos y algunos aspectos que pueden interferir en los resultados por ser atingidos.

DESCRIPTORES: *trabajo de campo, observación participante, entrevista semi-estructurada.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BECKER, H. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- 2 BOGDAN, R.; BIKLEN, S.K. *Qualitative research for education: an introduction to theory and methods*. Boston: Allyn and Bacon, 1982.
- 3 CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. cap. 4, p.87-121.
- 4 CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. S. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994. Cap. 3, p.51-64.
- 5 DA MATA, R. O ofício etnológico ou como ter "antropological blues". In: NUNES, E. de O. (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.23-35.
- 6 DENZIN, N. : *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. 3.ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1989. Cap.7, p.156-181. Participant observation: varieties and strategies of the field method.
- 7 GOLD, R.L. Roles in sociological field observations. *Social Forces*, v.36, n.3, p.217-223, mar. 1958.
- 8 GOLDIM, J.R. *Manual de iniciação à pesquisa em saúde*. Porto Alegre: Dacasa, 1997.
- 9 GONÇALVES, R.B.M. *Tecnologia e organização social das práticas de saúde: características tecnológicas do processo de trabalho na rede estadual de centros de saúde de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.
- 10 GOODE, W.; HATT, P. *Métodos em pesquisa social*. 7.ed. São Paulo: Nacional, 1979.
- 11 HAGUETTE, T.M.F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- 12 HOLLOWAY, I.; WHEELER, S. *Qualitative research for nurses*. Great Britain: Blackwell Science, 1996.
- 13 LIMA, M.A.D.da S. *O trabalho de enfermagem na produção de cuidados de saúde no modelo clínico*. Ribeirão Preto: USP, 1998. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1996.
- 14 LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- 15 MINAYO, M.C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3.ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.
- 16 POLIT, D.F.; HUNGLER, B.P. *Fundamentos da pesquisa em enfermagem*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- 17 TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

Endereço da autora: Maria Alice Dias da Silva Lima
Autor's address: Rua São Manoel, 963
90.620-110 - Porto Alegre - RS